

# APRESENTAÇÃO: SUBVERTER A LÍNGUA, É SEMPRE POSSÍVEL E LEGÍTIMO?

Maria Cleci Venturini  
Marilda Aparecida Lachovski

É a palavra que é vista como ponto de aplicação da criatividade, da liberdade na língua. Assim, são citados frequentemente como exemplo de criação: o lapso, a palavra-valise, o trocadilho, o neologismo, a metáfora, o jogo da poesia, e os jogos sobre o significante propriamente ditos, poéticos ou não: a rima, a inversão, o anagrama, as canções infantis, a forma de provérbios... (Gadet, 2020)16, p. 187).

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visio portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. (Barthes, 2007,16-17)

Quando se conclui uma edição de um periódico, especialmente, da Revista Interfaces, que tem como destaque a língua e a Literatura, e defende que no jogo da língua se constroem efeitos de sentidos, algumas questões são fundamentais. Com isso, destacamos a liberdade da língua, mas também colocamos em suspenso as tentativas de ‘mudar a língua’, trabalhando para que ela entre em ‘outra’ ordem, apagando os sujeitos que falam uma língua, vendo-a como sendo muito mais do que um funcionamento que impossibilita que o sujeito se comunique ou que não se comunique.

Para nos ajudar a pensar sobre o funcionamento da língua Gadet (2016) e Barthes (2007), como a base que possibilita Gadet destacar a liberdade da língua e os modos como ela pode ser ‘subvertida’ pelo modo como é mobilizada por sujeitos. A pesquisadora se inspira em Barthes (2007), que em 1977 gestou o texto Aula, foi recebido no Colégio de França e inscreveu seus trabalhos em campos distintos, sempre pensando a Literatura como “[...] o complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Grafo” (Barthes, 2007, p. 17). Com essas reflexões ele destaca que a língua combate, desvia e é subvertida, transformada.

Em um periódico o editor, os avaliadores, enfim a equipe toda vivencia esse trabalho da língua, fazendo sentido pelo que vem da história, mas antes de tudo das relações que se estabelecem e instauram efeitos de sentidos. Os artigos da presente edição constituem a relação entre os diferentes modos de “ser” e de “fazer” a língua, nas práticas de escrita e que sinaliza para sujeitos, no plural mesmo - são escritas tecidas, e transformadas, sob a forma da autoria.

Abrindo a edição, Ederson da Paixão (UENP) e, Patrícia Cristina de Oliveira Duarte (UEL), em *O ensino de literatura e o papel do professor-leitor: considerações para os anos iniciais do ensino fundamental* discorrem sobre as contribuições do ensino de literatura para a formação do leitor literário na Educação Básica, de modo especial, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Para os autores, a leitura possibilita aos estudantes o descobrimento de novos universos e contextos, possibilitando, assim, a ampliação de seu repertório linguístico, tornando-os mais criativos e compreensivos diante do meio em que estão inseridos. Logo, defendem a necessidade de uma reflexão acerca de como ocorre o processo de ensino-aprendizagem da leitura literária no contexto escolar.

Vania Cristina Pauluk (UPGE), no artigo intitulado *Socioeducação e poesia: produções de prosa e verso na privação de liberdade*, relata a experiência do projeto de poesia, realizado no Centro de Socioeducação de Ponta Grossa /PR. Destacando os objetivos do projeto, a autora aponta que o mesmo foi realizado com adolescentes que cumpriam a medida socioeducativa de internação, no formato de oficinas, nas quais se discutia e se interpretavam poesias de autores nacionais. Após o desenvolvimento das atividades, de acordo com a autora, os jovens aderiram positivamente ao projeto, melhorando seu repertório linguístico e a linguagem oral e escrita e vivenciaram a função estética da literatura.

Em *Das cartas às novas cartas portuguesas: estilo de época, modelo epistolar e movimentos semânticos*, Priscila Finger do Prado (UFSC) apresenta como as *Novas Cartas Portuguesas*, de Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa, dividem com as *Cartas portuguesas*, de Mariana Alcoforado, mais do que o título. Para a autora, apesar da distância temporal entre as publicações, o texto contemporâneo elege do texto barroco temas para atualizações literárias. Mariana

Alcoforado é escolhida como um mote e os movimentos semânticos do texto seiscentista são retomados por um novo viés. Objetivando apresentar as relações entre o texto das *Cartas portuguesas* e das *Novas Cartas Portuguesas* com seus respectivos estilos de época, modelos epistolares e movimentos semânticos, a autora levanta a hipótese de que há uma mudança de direcionamento de um texto para o outro, que vai do individual para o coletivo.

Aginaldo Almeida de Jesus (UFMG), no texto, *Da interdiscursividade e intertextualidade em/entre Bakhtin, Marcuschi e a base nacional comum curricular*, defende que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2018, traça o conjunto de “aprendizagens essenciais” que devem ser desenvolvidas pelos estudantes da/na Educação Básica brasileira. Assim, a partir de um gesto de leitura/interpretação da BNCC à luz de dois textos teóricos de autoria de Mikhail Bakhtin e Luiz Antônio Marcuschi, retoma a noção de gênero do discurso, a distinção entre palavra e oração (unidades da língua) de enunciado (unidade da comunicação discursiva) e entre gêneros primários e secundários, além disso, pontua as definições de gênero textual, tipo textual, domínio discursivo, suporte e intergenericidade, realizando um entrelaçamento dos textos teóricos e a BNCC, evidenciando as relações interdiscursivas e intertextuais produzidas.

Já em *Leituras e escritas de vidas negras em A Resposta: reflexões pedagógicas sobre a metaficção*, Késia Viviane da Mota (UFPB) e Genilda Azêredo (UFPB), recortam uma pesquisa maior sobre a relevância de se introduzir, no Ensino Fundamental, e situam o conceito de metaficção e suas estratégias de composição, sendo uma pesquisa que articula literatura, ensino e reflexões pedagógicas. As autoras elegem também como objeto de discussão o romance *A Resposta*, de Kathryn Stockett (2013), que alia o recurso da metaficção – fenômeno em que a ficção se mostra como ficção – a problemáticas ligadas, de um lado, a racismo, preconceito

e opressão de mulheres negras; de outro, à possibilidade de aprendizagens relacionadas à liberdade, autonomia e competências ligadas à leitura e à escrita. Segundo as autoras, os resultados da pesquisa demonstram o potencial pedagógico da metaficção e suas políticas para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, interpessoais e críticas.

Em Princípio da linearidade: conceito e desdobramentos na ciência linguística, de autoria de Suzana Linhati (UFSM) e Caroline Araújo Larrañaga de Matos (UFSM), apresenta uma reflexão sobre o princípio da linearidade, pensando o lugar investido a esse princípio na linguística saussuriana e de comparar como este princípio é abordado na perspectiva de Jakobson (1896-1982). Por meio de uma pesquisa bibliográfica (Paiva, 2019), as autoras fazem suas considerações a respeito do caráter linear do signo linguístico a partir dos pressupostos de Saussure (1945), Jakobson (1975), Jakobson e Halle (1967), Testenoire (2017) e Silva Filho (2020), a fim de encontrar semelhanças e diferenças entre os linguistas.

Nelci Alves Coelho Silvestre (UEM) e Viviane do Nascimento Voltarelli, no artigo O ensino de vocabulário da língua inglesa: uma perspectiva sob as lentes da escola pública abordam alguns fatos vivenciados durante o Programa Residência Pedagógica (PRP), edição de 2022, da CAPES. Para tanto, apresentam algumas reflexões sobre o ensino de vocabulário, com o aporte teórico da BNCC (BRASIL, 2018), além de Vechetini (2005), sobre a importância e a implicação do ensino de vocabulário de língua inglesa; Gattolin (1998) para a contextualização e perspectivas sobre o ensino de vocabulário no Brasil e Schmitt (1997) no que diz respeito às estratégias de ensino de vocabulário, entre outros. Finalizando, defendem que o ensino de vocabulário é uma ferramenta importante no aperfeiçoamento das habilidades interpretativas, de leitura e escrita.

A contradição de discurso sobre cerceamento do texto literário nas escolas

estaduais de Rondônia, presente na mídia social Facebook, de Élcio Aloísio Fragoso (UNIR) e Alessandra Maria Santos do Nascimento (UNIR), toma como base teórico-metodológica a Análise de Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux na França nos anos 60, e desenvolvida no Brasil por estudos de Eni Orlandi. Logo, a partir do aporte teórico da AD, os autores selecionam os recortes do Guia Digital PNLD 2020 - um memorando da Secretaria de Educação de Rondônia e comentários de usuários do Facebook, e definem como objetivo, compreender como o discurso de cerceamento à literatura na escola produz efeito de sentidos no sujeito a partir das contradições desses discursos. Assim, os autores tecem questões que contribuem para uma compreensão acerca das práticas discursivas levando-se em conta a ligação entre linguagem, história, discurso e relações de poder.

Marilda Aparecida Lachovski (UNICENTRO), propõe no artigo “Pilotar fogão?” – uma análise discursiva entre o restart de ideias e a reprodução de sentidos, uma reflexão sobre as formas de naturalização, na e pela repetição de que “lugar de mulher é na cozinha”, como constitutiva de discursos autoritários. Recorta para tanto, uma peça publicitária da Chevrolet, com o modelo Tracker, na qual o enunciado “vai pilotar fogão”, segundo a autora, faz ressoar as memórias sexistas e que relegam à mulher o espaço privado, casa e cozinha, como lugares que as significam. Assim, a análise se constitui nos/pelos saberes (ditos e não ditos) que compõem o imaginário e que reclamam outras leituras no presente, afetando sujeitos e sentidos.

O conhecimento prévio e a memória de trabalho: aliados para a compreensão, sob a autoria de Giseli Cordeiro da Silva (UNICENTRO), Luciane Baretta (UNICENTRO) e Neide Pinheiro (UNICENTRO), faz uma incursão pelos modos como a memória de trabalho e o conhecimento prévio são fatores essenciais no processo de

compreensão leitora. Amparadas teoricamente na psicolinguística, a análise empreendida busca revisitar o constructo da memória humana, enfatizando a memória de trabalho que, aliada ao conhecimento prévio, proporciona ao leitor uma leitura mais enriquecedora em relação a aprender novos conceitos, a realinhar/adaptar/modificar pensamentos ou a compreender os termos utilizados no texto ampliando o seu entendimento interpretativo. Finalizando a escrita, as autoras defendem a ideia de que a memória de trabalho e o conhecimento prévio são fatores que contribuem diretamente no processo de compreensão enriquecendo e facilitando a leitura.

Em *Além da razão e sensibilidade: uma leitura das protagonistas de Jane Austen*, Maria Luiza Ribeiro Buzian (UFSCAR) e Carla Alexandra Ferreira (UFSCAR) analisam a figura das duas protagonistas do romance *Razão e Sensibilidade* (1811) escrito por Jane Austen, a partir da ótica da leitura dialética como proposta por Fredric Jameson (1992) e de questões de gênero como discutidas por Sandra Gilbert e Susan Gubar (2000). Assim, a análise coloca em questão como a mulher, sob o domínio do patriarcado, é figurada por essas personagens que, ao longo da narrativa, demonstram comportamentos extremos que vão sendo modificados no decorrer da história. figurando uma questão social premente, porém velada, sobre as mulheres do período da Regência, em uma Inglaterra em transição econômica e social.

Alzira Fabiana de Christo (UNICENTRO) e Bárbara Vitória dos Reis Santos (UNICENTRO), no artigo intitulado *Libras como meio de comunicação para crianças com tea (transtorno do espectro autista) não verbais*, traz Libras como meio de comunicação para crianças autistas não verbais, e defendem a língua como necessária para que no decorrer de suas vidas, essas crianças possam ter uma outra forma de se comunicar, auxiliando assim em todo o seu desenvolvimento pessoal, social e cognitivo. Neste sentido, o artigo aponta para as

técnicas e metodologias para o ensino de libras ser a ferramenta de superação de desafios da comunicação para crianças autistas.

Francis Bacon: uma leitura materialista, de Gustavo Luiz Telles (UniSul- Ânima) e Nadia Neckel (UniSul-Ânima), apresenta uma análise materialista da pintura “Painting” (1946) de Francis Bacon, examinando a obra de arte em seu contexto histórico, sociopolítico e ideológico. Segundo os autores, a arte de Bacon, caracterizada por deformações, mutilações e aberrações, é um radical afastamento dos padrões normativos. Para a análise, sustentam-se teoricamente em Michel Pêcheux, Louis Althusser, Gilles Deleuze, Emmanuel, buscando pensar como a arte de Bacon se envolve com as forças sociais e ideológicas que moldam e controlam os corpos, ou seja, perturba a “estrutura implacável” das expectativas heteronormativas, nas palavras dos autores.

Os dicionários no espaço escolar brasileira, de Maria Claudia Teixeira (UNICENTRO), mobiliza, na perspectiva materialista da História das Ideias Linguísticas, conceitos e dispositivos teóricos e analíticos da Análise de Discurso, na linha das produções de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Assim, a autora percorre a história das políticas públicas de avaliação dos livros didáticos para compreender como se deu a inserção dos dicionários nessas políticas, considerando que a história dos dicionários na escola brasileira está entrelaçada com a história da avaliação dos livros didáticos, dos manuais e dos guias elaborados para os professores. Logo, destaca uma história do processo de avaliação dos livros didáticos nos quais se inserem os dicionários no Brasil entre 1938 e 1985, período que recobre o início oficial do processo de avaliação de livros didáticos em 1938 e vai até o momento em que entra em cena o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em 1985, pensando o lugar do dicionário nas políticas de seleção de materiais didáticos.

Tecendo Reflexões acerca das concepções de linguagem em livros didáticos nos anos 1980

e 1990: uma perspectiva discursiva, Jaíne de Fátima Machado da Silva (UFSM) e Tais da Silva Martins (UFSM), buscam, a partir da fundamentação teórica a Análise de Discurso pecheutiana em articulação com a História das Ideias Linguísticas, analisar discursivamente que concepção(ões) de linguagem predomina(m) em livros didáticos da educação básica das décadas de 1980 e 1990, no Brasil. O arquivo se constitui de dois livros didáticos de língua portuguesa - Novo Português através de textos - Comunicação e Expressão, de 1982; e Português através de textos, de 1990 -, ambos de 8ª série e de autoria de Magda Soares, e desses, as autoras recortam sequências discursivas da seção de (sus) tentação de cada um deles. Como resultados, apontam que as concepções de linguagem que predominam em livros didáticos da educação básica das décadas de 1980 e 1990 são: no livro de 1982, a concepção de linguagem como instrumento de comunicação, calcada na Teoria da Comunicação de Roman Jakobson; e, no livro de 1990, a concepção de linguagem como forma de interação.

Já em Políticas públicas de acolhimento linguístico na escola: uma análise dos documentos oficiais para migrantes internacionais, Jorgelina Ivana Tallei (UFMG) Tainara Maria de Lima Moura (UNILLA) e Franciele Maria Martins (UNIOESTE), abordam o levantamento e a análise documental de políticas públicas voltadas para acolhimento linguístico a crianças migrantes internacionais no Estado do Paraná, com foco especial no sistema escolar de Foz do Iguaçu. As autoras defendem que os documentos locais, bem como do Estado do Paraná e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) revelam lacunas na abordagem da migração na educação, apontando para a necessidade de uma maior ênfase na diversidade cultural e nas experiências das crianças migrantes nos currículos escolares. Portanto, destacam que iniciativas como o Programa de Acolhimento da cidade de Foz do Iguaçu e a criação do Comitê Municipal de Atenção aos Migrantes, Refugiados e Apátridas

demonstram um compromisso, ainda em construção, em superar os desafios enfrentados por essa população para a efetiva integração.

Lucelene Teresinha Francenchini e (UNICENTRO) Loremi Loregian-Penkall (UNICENTRO), encerram a edição com o artigo O fenômeno de elevação da vogal /o/ na fala de descendentes de eslavos de Irati e Mallet, Paraná. Assim, orientadas pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), buscam investigar o processo de elevação da vogal média /o/, em posição postônica final, na fala em língua portuguesa de moradores da zona rural, descendentes de imigrantes eslavos da região Sudeste do Paraná, mais especificamente de Irati e Mallet, Paraná. Como destacam as autoras, foram analisadas 48 entrevistas sociolinguísticas estratificadas por sexo, duas faixas etárias, etnia e três níveis de escolaridade, pertencentes ao banco de dados do projeto Variação Linguística de Fala Eslava, VARLINFE. Logo, de acordo com as autoras, os resultados apontam uma baixa ocorrência de elevação da vogal analisada.

A partir daquilo que defendemos na introdução, nos encaminhamos para uma possibilidade de fechamento, em suas muitas condições de ser e não ser, “palavras finais”. Delimitar um final, um ponto de chegada seria entrar em contradição, considerando o texto como um objeto simbólico, tal como aprendemos com Orlandi (2001). Portanto, não fechamos. Colocamos em suspenso as formulações, pois, formular, segundo a autora, é dar corpo aos sentidos, abrindo espaço para que o sujeito possa dizer, sempre no entremeio, nos (des)limites da língua e da teoria, num espaço de incompletude, de busca, de retornos possíveis e de (des)encontros.

## Referências

BARTHES, Roland. Aula. 10ª. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006.

ORLANDI, Eni. P. Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2001.